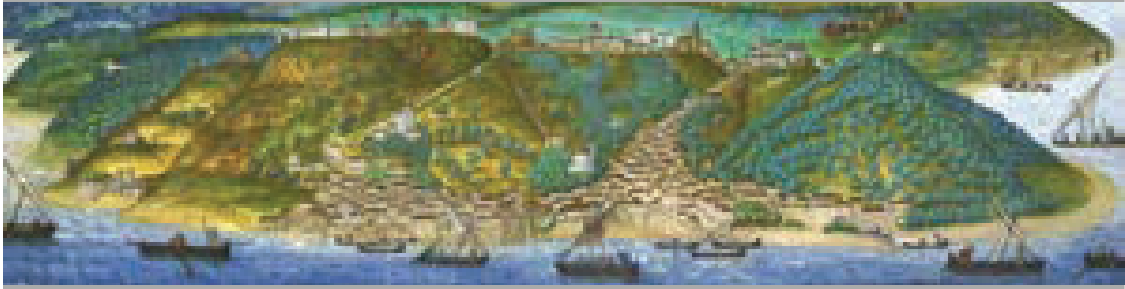


centro de interpretação

Urbi Scallabis

De Scallabis a Santarém



Dispondo de um bom clima e de um rio fértil e fácil de navegar, Santarém conheceu uma história antes da escrita. No primeiro milénio antes de Cristo foi influenciada pela civilização mediterrânea, assumindo as características de cidade-estado. Integrou-se no reino de Portugal apenas nos meados do século XII, mas assumiu um importante papel nos principais momentos da história lusa.

Herdeira destas múltiplas heranças culturais e civilizacionais, perpetuadas ao longo de três milénios, Santarém oferece surpresa e constante deslumbre, não só para os que querem conhecê-la no presente, mas igualmente para os que a ela se dedicaram no passado.

Vista geral da vila de Santarém [1530-1534], Iluminação de Antônio da Holanda, em *Genealogia das Casas Reais de Espanha e Portugal*, British Library, Ms. Additional 12531

Copo, III/II a.C. (período calcolítico), MMS

Taça em calote, III/II a.C. (período calcolítico), MMS



Pré-História e Mundo Antigo

Santarém desde sempre exerceu uma atracção especial sobre poetas, religiosos, viajantes, escritores ou artistas, que se sentem magnetizados pelo seu espaço, pela sua natureza ou pela sua história. Cataldo Sículo escreve em 1506, “Um poeta recente, do nosso tempo, comparou este lugar a uma águia pairando no ar, com as asas desdobradas e abertas, olhando a terra como soberba: com o peito e bico observa do alto o campo, o rio e as correntes para comer e beber. Com as duas asas cobre e protege de um e do outro lado densíssimas e fecundíssimas vinhas, com a cauda longuíssima vigia e guarda as oliveiras mais difundidas”.

A fundação da cidade de Santarém foi, no século XVIII, ligada à mitologia ibérica de Habis, compilada, no século III d. C., pelo historiador romano Justino. A lenda fala de um herói abandonado à nascença e alimentado por uma cervaz, que acabaria por tornar-se rei dos Tartessos, trazendo paz, justiça e progresso.

Os objectos recolhidos mostram, porém, que a ocupação humana do sítio remonta, pelo menos, ao quinto milénio antes de Cristo. Um dos vestígios desse período é o vaso neolítico encontrado no monte de S. Bento.

Na Idade do Ferro, o povoado é influenciado pelas civilizações mediterrânicas orientais e em particular pela Fenícia, localizada na actual faixa sírio-palestina. A forte aposta no comércio marítimo fez com que, em apenas três séculos, os fenícios se expandissem pelo mediterrâneo, fundando entrepostos comerciais ao longo de toda a costa. A influência fenícia explica os antigos topónimos pelos quais Santarém foi outrora conhecida: *Moron* e *Scallabis*.

O historiador grego Estrabão situa *Moron* num monte próximo do rio, a cerca de noventa e dois quilómetros do mar. O nome do lugar deriva de *mârom*, palavra fenícia que significa “local elevado” e terá sido dado pelas populações oriundas da região de Cádiz, que aqui se fixaram a partir do final do século IX antes de Cristo.

A presença destas populações é atestada pelos materiais arqueológicos da Idade do Ferro, descobertos na Alcáçova.

É provável que já nesta altura o esporão tenha sido fortificado: o seu domínio visual sobre o rio e as férteis planícies de aluvião faziam dele o local ideal para este fim. A zona ribeirinha, por seu lado, foi eleita para a instalação do porto comercial. As duas áreas eram articuladas por vias que serpenteavam a encosta.

A influência fenício-púnica na economia e cultura locais apenas foi interrompida quando Roma se impôs a Cartago como grande potência marítima do mediterrâneo e conquistou militarmente a Península Ibérica, assumindo a administração da região.

Os primeiros vestígios da presença romana em *Moron* datam da ocupação militar, em 138 antes de Cristo, pelas tropas de Décimo Júnio Bruto, procônsul da Citerior. Os Romanos dão à localidade o nome de *Scallabis*, baseando-se em duas palavras siríacas cujos significados seriam “remover” e “antepassado” – indicando desta forma o início de uma nova Era.

A ocupação romana alterou profundamente o modo de vida das populações locais. O próprio urbanismo é redesenhado de acordo com os modelos romanos. Entre 49 e 44 antes de Cristo, estabeleceu-se um acampamento fortificado (ou *praesidium*) em local ainda não identificado. O historiador Plínio atribui a fundação deste acampamento ao imperador romano Júlio César, chamando-lhe *Praesidium Iulium*.

Por volta do ano trinta antes de Cristo, o *praesidium* de *Scallabis* tornou-se numa *civitas* cuja importância crescente acabaria por fazê-la capital de um dos três conventus (ou distritos) da Lusitânia. Atravessavam-na duas vias essenciais: uma delas, vinda de *Bracara Augusta* (ou Braga) entrava pelo esporão e atravessava o planalto, inflectindo para sul, em direcção a *Olisipo* (a antiga Lisboa); a outra ligava *Olisipo* a *Emerita Augusta* (actual Mérida).

Desconhece-se a área exacta da cidade romana e o local da necrópole, o que torna difícil contabilizar o número de habitantes. Das quinze inscrições relativas a *Scallabis*, apenas quatro referem especificamente a colónia ou os seus naturais.

Datam do período romano uma série de edifícios de carácter público, de que o exemplo mais notável é o templo tardo republicano, do qual se conserva o *podium* e parte da *cella*.

Mais difícil de determinar é a função do edifício romano localizado no interior da capela-mor da Igreja de Santa Maria de Alcáçova. Dele apenas se conserva o extremo Oeste, mas

deverão pertencer-lhe os três capitéis romanos reutilizados nas colunas da nave da igreja.

Romanas são também o conjunto de cisternas descobertas na vertente Oeste da Alcáçova, junto à muralha virada à Estrada de Alfange.

Apesar da escassez de elementos disponíveis para o período que decorre entre os séculos terceiro e quinto, é possível que o papel militar da colônia de *Scallabis* se tenha mantido pelo menos até a invasão da Hispânia pelos Alanos e Vândalos, na sequência da qual a povoação foi doada ao rei visigodo Suerico em 460.

Harpócrates,
(Hórus criança) séc. III, MMS





Selo do concelho de Santarém
(16 de Maio de 1255)
(representação da actual porta
de Santiago)
ANTT, Alcobaca, m. 8, doc. 38



Período Medieval (séculos V-XV)

A ocupação goda de *Scallabis* por Sunerico não parece ter tido reflexos significativos no desenvolvimento urbano do planalto. Em compensação, o subúrbio ribeirinho revela indícios de expansão, talvez fruto de uma actividade portuária mais intensa.

Em 714, os muçulmanos conquistaram Santarém, que passou a denominar-se *Shantarîn*. Durante a dominação islâmica os vales adjacentes à Alcáçova passaram a ser defendidos por torres: a torre da Alcoba vigiava a encosta norte, ao passo que a torre da Alhafa dominava a vertente sul.

Junto da porta do castelo, mais tarde chamada de Santiago, um conjunto de pequenas casas encostavam à muralha, formando um pequeno bairro extra-muros, conhecido por *Alcúdia*.

Uma zona de transição, chamada *Alpram*, interpunha-se no istmo do planalto. Aqui se localizava provavelmente a primitiva necrópole islâmica.

Os governadores muçulmanos também reforçaram as muralhas desta zona com baluartes e torres, para controlar a circulação para a Alcáçova e os arrabaldes.

No planalto de Marvila instalou-se a cidade civil (ou medina), com cerca de três mil e quinhentos habitantes.

O ponto central da medina era a mesquita aljama, mandada construir no terceiro quartel do século XI pelo imã al-Hakam II. Junto a ela localizava-se o mercado (*sûq*) constituído por pequenas tendas, organizadas por profissão.

A necrópole principal da medina situava-se junto da porta ocidental da cidade, o que faz crer que a área intra-muros se tenha definido ainda sob o domínio islamita.

O arrabalde de *Seserigo* vai desenvolver-se ao longo do ribeiro de Runa, dando origem à calçada da Atamarma. Para permitir o comércio e o transporte flúvio-marítimo, este bairro passa a ser protegido com muralhas próprias nos finais do século XI.

A jusante o embarcadouro secundário transforma-se num novo arrabalde, *Alfansi*, com a sua via própria de acesso ao planalto.

Uma ampla cintura verde de hortas, jardins, vinhas, pomares e olivais envolvia *Shantarîn*. É também provável que pequenos oratórios (*ribats*) tenham sido construídos nos rechões próximos.

Na madrugada de 15 de Março de 1147, as tropas de Afonso Henriques tomam *Shantarîn*. A partir desta altura a cidade assume o nome de *Sancta Herene* e passa a organizar-se segundo uma estrutura paroquial.

No planalto implantaram-se oito paróquias. As mais antigas eram Santa Maria da Alcáçova, Santa Maria de Marvila e São Martinho, constituídas após a reconquista cristã. As de São Julião, São Salvador, São Nicolau, Santo Estevão e São Lourenço foram criadas já na fase de estabilização político-militar.

Nos dois núcleos ribeirinhos implantaram-se sete paróquias: Santiago, Santa Iria, São Mateus e Santa Cruz em Seserigo; São Pedro, São João Evangelista e São Bartolomeu em Alfange.

Até ao século XIV a paróquia de Santa Maria da Alcáçova continuou a ser a principal zona militar, política e residencial. Aqui estanciavam o rei e a nobreza local e se reuniam preferencialmente os magistrados e homens bons do concelho.

A paróquia de S. Martinho ocupava a restante parte do esporão. Aqui se localizava a judiaria, formada no reinado de D. Pedro I.

Marvila era o centro comercial e artesanal por excelência, continuando a tradição da cidade islâmica. O principal cruzamento de vias da paróquia correspondia parcialmente ao actual Terreirinho das Flores, onde até ao século XV esteve colocado o pelourinho.

São Salvador e São Nicolau eram áreas de expansão urbana e São Lourenço uma área marginal.

Mosteiro de S. Domingos dos Frades (vista poente) Maqueta. Mário de Sousa Cardoso, CMS





Tomada de Santarém aos mouros por Afonso Henriques. Painel de azulejo. Fábrica de Loíça de Sacavém (1932). Jardim das Portas do Sol.

Nos subúrbios ribeirinhos, o nome *Ribeira* tornou-se dominante no século XIV. A paróquia de Santa Iria revela forte vocação comercial, embora mais artesanal do que Marvila. Instalados em artérias próprias encontravam-se cambistas, mercadores e diversos artesãos.

O desenvolvimento das paróquias de São Mateus e Santa Cruz esteve directamente ligado a duas casas senhoriais da elite local: *Villa Corrigia* e *Villa Nova*, respectivamente fundadas por Gonçalo Pires Correia e Lourenço Domingos Minatos.

No pequeno bairro amuralhado de Alfange, a fortificação da porta das Almas barrava o acesso ao vale de Torres. Neste espaço destacam-se as actividades ligadas à pesca, documentadas desde o século XIV.

Nos inícios do século XIII as vagas de missionários que chegaram à urbe definiram uma nova área de expansão urbana, chamada «fora de vila».

A implantação monástica fez-se ao longo de meio século. Os frades trinitários foram os primeiros a instalarem-se em 1208, seguindo-se os dominicanos, os franciscanos, as clarissas e, por último, as freiras dominicanas. Esta implantação gerou conflitos que levaram a atrasos e desequilíbrios no desenvolvimento da periferia.

Os campos fronteiros às portas de Leiria e de Manços foram os que mais se desenvolveram. Ambos são denominados, desde finais do século XV, como «rossios», comunicando entre si pela «Carreira dos Cavalos».

O rossio da porta de Leiria resulta da deslocação do Paço Real, ocorrida provavelmente no reinado de D. Sancho II. Esta «Alcáçova Nova» continha uma área acastelada e uma área apaçada, tornando-se predominante a partir da dinastia de Avis.

A partir de 1302 passa a realizar-se aqui uma feira anual, instituída por D. Dinis, passando o espaço a denominar-se por «chão da feira». A dinâmica económica daqui decorrente justificou, também, a criação de um local destinado ao trabalho de juizes, tabeliães e escrivães, intitulado de «alpendre da feira». Mais tarde, instalou-se aqui o hospital do Santo Espírito, gerido por uma confraria de homens bons do concelho.

Na mesma época dá-se também um forte crescimento urbano no rossio da porta de Manços. Para aqui foi transferida a Gafaria de S. Lázaro, perto da qual se situavam as ermidas de Santo António e Santa Maria Madalena. Junto ao mosteiro de São Domingos das Doas são também construídos os paços do bispo de Lisboa.

A morte do infante D. Afonso, filho do rei D. João II, em Alfange, em 1491, marca o fim da presença assídua da Corte em Santarém.

Porta da Atamarma (vista exterior) demolida em 1865, Desenho de Cristino da Silva, BMS



Igreja de Santa Maria de Marvila (anterior a 1536), Iluminura de António de Holanda, Crónica de D. João I, de Fernão Lopes, Biblioteca Nacional de Madrid.





Período Moderno

A apatia em que vive Santarém no começo do século XVI é abalada pela ocorrência de um forte sismo que destruirá parcialmente as construções medievais. A cidade erigida sobre os escombros do terramoto de 1531 absorve os gostos da Renascença.

A Alcáçova vai manter o seu papel defensivo e religioso e de domínio simbólico sobre a vila. No século XVII as suas muralhas foram reforçadas por um hornavaque do qual hoje apenas subsiste um baluarte. É por aqui que, a partir da segunda metade do século XVIII, vai passar a fazer-se a entrada na cidadela.

No planalto, uma das zonas que maior transformação sofreu foi a do Paço Real. A campanha de obras empreendida no reinado de D. Manuel incluiu a mudança de localização da Porta de Leiria e a edificação, extra-muros, da Ermida de São Sebastião.

Na Praça de Marvila e na sequência do foral de 1506, foi beneficiada a Igreja de Santa Maria, construídos uns novos Paços do Concelho e colocado um novo pelourinho.

Nos inícios do século XVI processa-se também a centralização dos hospitais e albergarias da Vila no Hospital de Jesus Cristo, fundado em 1426 por João Afonso de Santarém. A fundação da Santa Casa da Misericórdia, entre 1502 e 1503, coincide com esta centralização.

No século XVII assistiu-se a uma retracção da nobreza da Vila. Das grandes famílias residentes ganham ascendente os Teles de Menezes, dos quais se destaca o conde de Unhão.

Com o domínio filipino em Portugal a presença da Corte passa a ser mais esporádica. Em contrapartida, a Igreja Católica reforça o seu peso estratégico na Vila, com a construção da Igreja da Misericórdia, as remodelações das igrejas de São Nicolau, do Santíssimo Milagre, de Santa Iria e de Santa Maria da Alcáçova e a construção dos mosteiros de São Bento, dos Arrábidos Capuchos, dos Agostinhos Descalços, da Ordem Terceira de São Francisco, de Santa Teresa do Carmo e do Colégio dos Jesuítas.

Este último pressupôs uma profunda alteração do espaço do Castelo e do Paço Real, obrigando à demolição da porta manuelina de Leiria, sobre a qual foi construída a Igreja da Senhora da Piedade. O antigo Terreiro do Paço adquiriu então a forma e proporções da actual Praça Sá da Bandeira, transformando-se na principal entrada da cidade.



Vila de Santarém (1669), Pier Maria Baldi em *Viaje de Cosme de Medicis por España y Portugal* (1668-1669), Biblioteca Nacional de Madrid.

Fora das muralhas a alteração mais significativa ocorreu no Chão da Feira, onde vão instalar-se paços de algumas famílias nobres, como os Meneses ou dos Saldanhas.

No planalto notam-se estímulos novos à manufactura, não só pelo desenvolvimento das oficinas de olaria e de marcenaria, como também pela plantação de amoreiras, com a finalidade de sustentar a criação de bichos-da-seda. Esta actividade teve especial expressão no Rossio da Porta de Maços, conhecido mais tarde como Largo das Amoreiras.

A Ribeira de Santarém ganha nova importância com os descobrimentos e as viagens marítimas, assumindo definitivamente o papel de porto fluvial. Dos mais de cem barcos existentes destacavam-se as barcas de passagem e os caravelões que percorriam o Tejo entre Lisboa e Abrantes.

Barqueiros, pescadores, calafates e cordoeiros constituíam uma grande percentagem da população ribeirinha, mas também abundavam outros mesteiros e alguns mercadores. Do activo comércio da Ribeira nos falam diversos topónimos, como a Portagem e a Porta do Pão, ou ainda as ruas do Mel, das Cortiças, das Estalagens, dos Pelames, ou dos Alambéis.

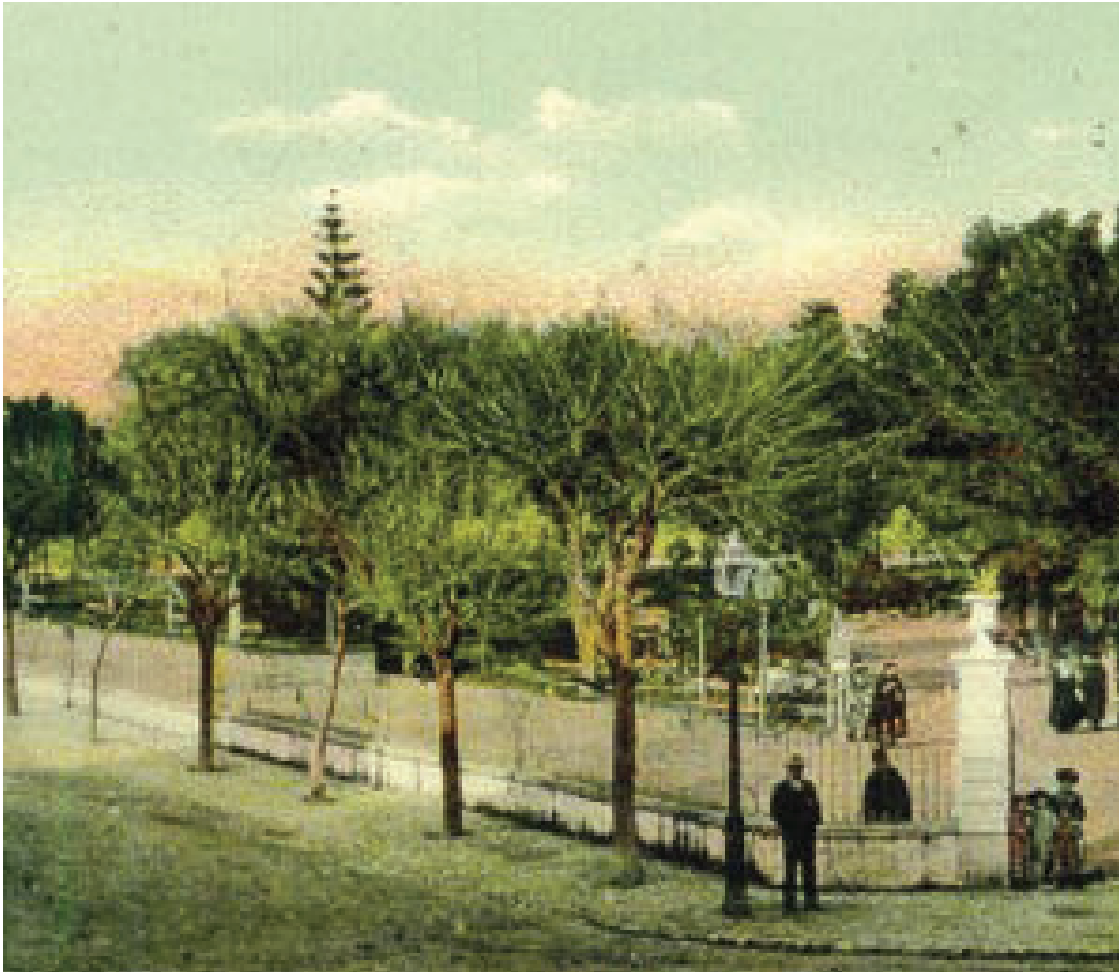
Os alambéis permitiram organizar a fição e a tecelagem doméstica e estiveram na origem de um importante surto de oficinas tintureiras.

Também a armaria se concentrou e especializou na Ribeira a partir de D. Manuel I. A toponímia regista a Rua dos Serralheiros. A Sul do Alfange, fundou-se neste período um importante arsenal que servia a navegação fluvial.

Nos campos envolventes cultivava-se o cânhamo, cujo fabrico local explica a forma oblonga da praça do Arnado, onde os engenhos manuais da cordoaria funcionavam ao ar livre.

A actividade de produção de couros mantém-se nas Alcaçarias da Ribeira embora também junto ao Chafariz das Figueiras existissem oficinas de couros.

Para além do artesanato e do comércio, a Ribeira de Santarém estava ligada à actividade agrícola dos campos em redor. Este aspecto justificou o aparecimento de importantes adegas e lagares e dava ao lugar uma imagem de urbe agrária.



Período Contemporâneo

Durante o século XIX Santarém inicia um novo ciclo da sua história urbana, sem no entanto perder as características consolidadas desde a Idade Média.

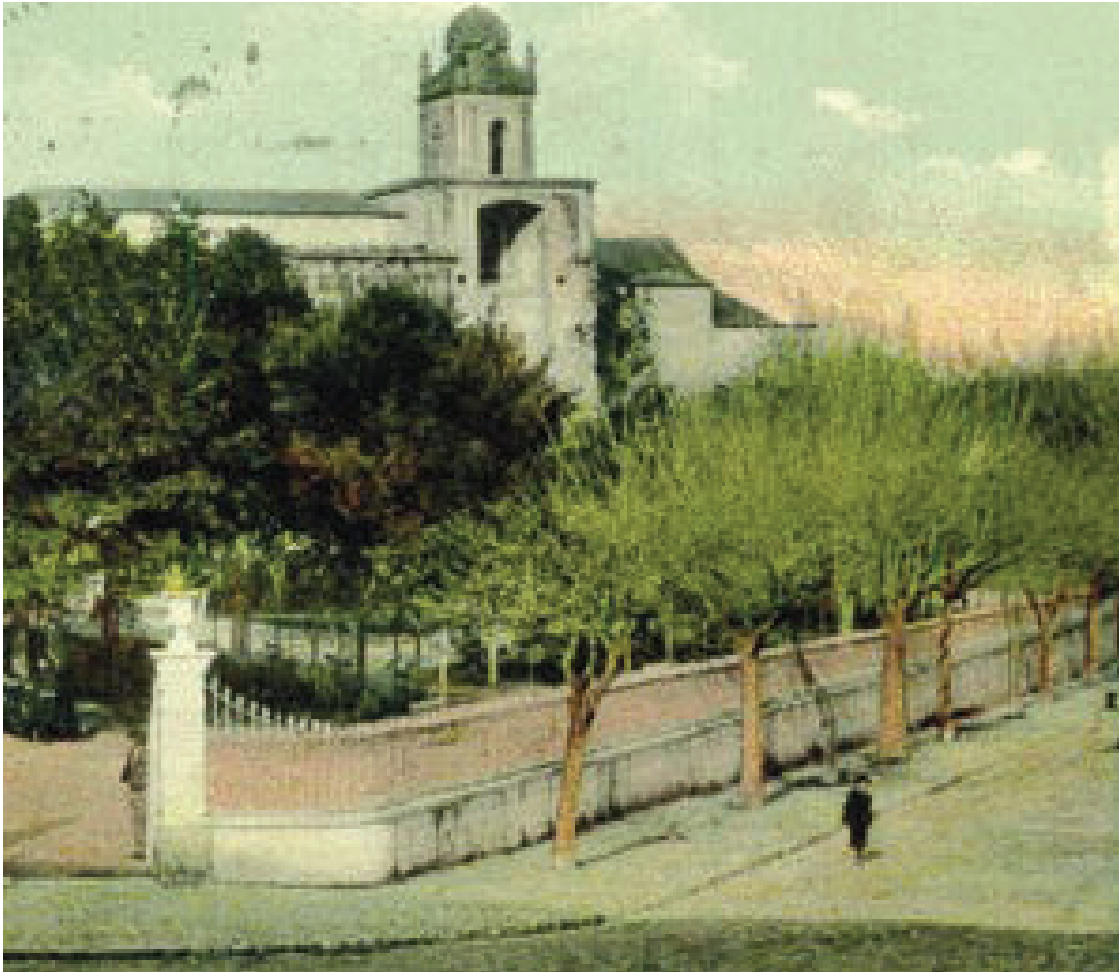
A contemporaneidade ficou marcada pelo terramoto de 1755, do qual a Vila, especialmente a Ribeira, não saiu ilesa. Em consequência deste abalo sísmico muitas pessoas ficaram desalojadas e alfaias religiosas foram deslocadas dos seus locais de origem. Algumas portas da Vila sofreram ruína, tendo-se proibido a passagem de carruagens por debaixo da Porta da Atamarma.

A reconstrução pós-terramoto trouxe uma nova imagem à Vila, onde as fachadas dos prédios revelam agora o ecletismo romântico.

Com a extinção das ordens religiosas masculinas, em 30 de Maio de 1834, muitos mosteiros da vila passarão a ser cedidos e adaptados aos mais variados fins. Outros serão, pura e simplesmente, demolidos.

Em consequência das novas políticas liberais foram privatizados e demolidos trechos amuralhados, bem como as portas de Palhais, de Valada, da Atamarma e de Manços, criando assim a noção de “cidade aberta”.

Ao mesmo tempo a cidade vê o seu número de paróquias reduzidas de treze para quatro. Não obstante, a imagem estrutural da urbe, constituída por três núcleos, encontra ainda



Passeio da Rainha (anterior a 1910). Postal Ilustrado, Coleção M&R (Lisboa), nº 348.

expressão nos mapas e desenhos feitos pelas tropas inglesas e francesas.

Ao longo de Oitocentos a expansão da parte alta não tem um significado relevante, exceptuando-se os bairros e vilas de renda económica e os pátios operários.

O Campo Fora-de-Vila, agora chamado Sá da Bandeira, passou a estar vocacionado para local de cortejos e paradas, feiras francas e de gado, corridas de cavalos e largadas, que a construção da Praça de Touros mais acentua. Aqui se construiu o Hotel da Boa Vista, sinónimo da modernidade.

Nas suas imediações, o Rossio do Sítio constitui um espaço de lazer.

A locomotiva a vapor chegou a Santarém em 1 de Julho de 1861. Porém, a via ferroviária destruiu parte significativa da cidade baixa, impondo às populações um divórcio com o rio que se mantém até aos nossos dias.

A construção da Ponte D. Luís I passou a fazer a ligação entre o Norte e o Sul, constituindo um precioso auxiliar da emergente burguesia latifundiária ribatejana.

A estrada fluvial era ainda uma importante realidade, não só no transporte de mercadorias, como na carreira de passageiros, o que conferia à paisagem local o colorido da tradição com a modernidade.



Transporte fluvial na Ribeira de Santarém, junto ao padão de Santa Iria.

Cliché de A. Gueifão

As novas obras de engenharia significaram, em termos locais, o advento material e espiritual. Na segunda metade do século XIX chegaram à cidade a iluminação, o abastecimento de água e os esgotos, os hotéis, a penitenciária distrital e o matadouro municipal. Datam igualmente desta altura os teatros, as escolas primárias, o Liceu Nacional e a Escola de Regentes Agrícolas, a Biblioteca Pública e o Museu Distrital.

A cidade romântica caracteriza-se também pela profusão de espaços públicos ajardinados ao gosto da época. Em Santarém o mais importante veio a localizar-se na Alcáçova, tendo implicado a abertura de uma avenida entre o Alporão e a cidadela.

Mas a sociedade oitocentista de Santarém exigiu o seu passeio público. Em 1878 nasceu o Passeio da Rainha, um jardim romântico, de tipo inglês, vedado por um gradeamento de ferro.

Durante o séc. XIX surgem as novas necrópoles, envolvidas por altos muros e distantes dos núcleos urbanos. Em Santarém adaptou-se a cerca dos Arrábidos a cemitério.

Ao chegar ao século XX, a cidade modernizara-se e beneficiava da proximidade de Lisboa, que lhe configurava as novidades comerciais, artísticas, arquitectónicas e culturais. Continuando a ser um centro administrativo, tornou-se possível manter padrões de vida e de qualidade adaptados aos novos tempos.

Santarém acertava assim o passo com outras cidades médias, afirmando-se como grande pólo regional e criando condições para uma política de desenvolvimento assente em infra-estruturas educativas, habitacionais e de saneamento básico, cuja base se havia iniciado no século XIX, e a que os novos projectos dão continuidade.



Ficha Técnica

TÍTULO

***Urbi Scallabis* – Centro de Interpretação**

PROJECTO DESIGN GLOBAL

Lena Construções

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

Luís Mata

TEXTOS

Carla Ferraz (Arqueologia)

Luís Mata (História)

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Carlos Santos

Centro de Arqueologia de Almada

Cidália Botas

João Miguel Salgado (CMS)

Lena Construções

Museu Monográfico de Conímbriga

RÉPLICAS

Alexander Morais

Instituto Politécnico de Tomar

PROGRAMAÇÃO DE ACTIVIDADES, DIVULGAÇÃO E LOGÍSTICA

Mónica Santos

PRODUÇÃO GRÁFICA

MBVDesign

MONTAGEM

Museu Municipal de Santarém

Lena Construções

EDIÇÃO

©2009 Câmara Municipal de Santarém



Câmara Municipal de Santarém
Praça do Município
2000-027 Santarém
Tel.: 243 304 200
Fax: 243 304 299
www.cm-santarem.pt